Música Festival:

Grey pinta em festa eletrônica

Ícone da cultura alternativa americana, Alex Grey vem pela primeira vez ao País e fala de suas "visões"

Livia Deodato

No dia do nascimento de sua filha, em 1989, o artista plástico americano Alex Grey transpôs para uma imensa tela a visão que teve. "Era uma imagem ambígua: de esperança e, ao mesmo tempo, terrível", relembra. Mas foi só doze anos depois, mais precisamente alguns dias depois do fatídico 11 de setembro de 2001, que se deu conta da obra premonitória que tinha realizado – e que já tinha até se esquecido. Algumas pessoas enviaram a ele pequenas reproduções da obra intitulada *Gaia*: no canto da tela, pode-se observar as Torres Gêmeas de Manhattan, dois aviões e o presidente e vice americanos Bush e 'Dick' Cheney (que aparece em forma literal), afrontando um militar, "que poderia ser um terrorista".

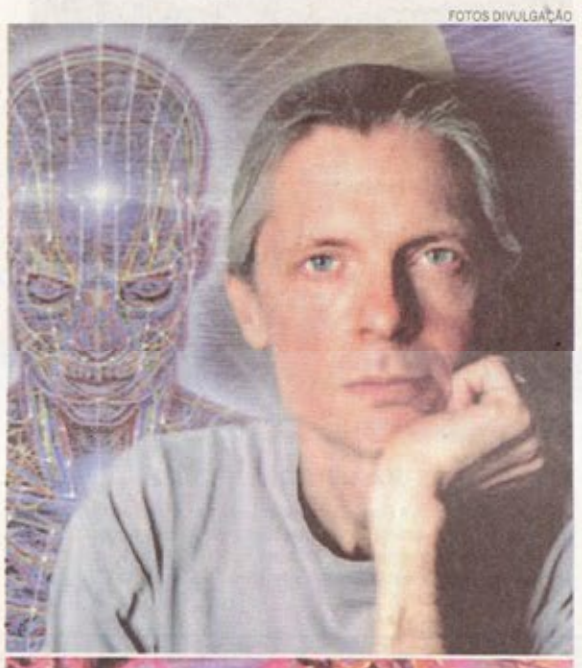
"As visões que tenho me permitiram interpretar a realidade como parte de uma dimensão sagrada", diz. Grey, tido como um ícone da cultura alternativa americana, chega pela primeira vez ao País para realizar uma performance ao vivo no próximo sábado na festa de sete anos da Tribe, que tem como destaques em sua programação a dupla israelense do Infected Mushroom (prevista para entrar às 5h30 da manhã de domingo) e o francês Dimitri Nakov (às 8 h). No palco principal, o artista plástico vai pintar um mural de aproximadamente 10 metros por 2,5 m que apelidou de *Star Dancing*. A duração estimada para a conclusão do trabalho é de 12 horas, tempo estimado do festival. "O mural explora as energias extáticas das pessoas quando dançam juntas", revela Grey, que trabalhará ao lado de sua mulher Allyson, também artista plástica.

O artista de 54 anos iniciou seus estudos na Columbus College of Art and Design no início da década de 70. Alguns anos depois, procurou aperfeiçoar-se na Boston Museum School, ao lado de Jay Jaroslav. Foi lá que conheceu a sua mulher e, neste período, teve uma série de experiências místicas que "transformaram seu existencialismo agnóstico em um radical transcendentalismo" – com a ajuda de algumas substâncias, digamos assim. Era, então, o auge do LSD. "Algumas imagens apareceram para mim durante estados alterados de consciência, em sonhos, enquanto outros trabalhos foram captados quando eu estava completamente limpo, num estado natural, esperando pelo metrô ou no dia do nascimento de minha filha", conta.

> ELE JÁ EXPÔS NA BIENAL DE SÃO PAULO EM 1985 E AGORA QUER ERGUER UMA CAPELA

Vale lembrar que há alguns bons anos as festas de música eletrônica que varam noite e dia vêm desencorajando seus habitués a usarem quaisquer tipos de drogas. O slogan dessa edição da Tribe, por exemplo, é "Drogas: Tolerância Zero! Música e dança são vida!" Sim, é necessário um pleno condicionamento físico para agüentar 12 horas de trance, psy, house, electro. Esses mesmos festivais também querem se desvincular da antiga denominação rave, por acreditarem que a palavra inglesa (traduzida ao pé da letra por entusiasmo) traz embutida a conotação de improviso e clandestinidade.

FOTOS DIVULGAÇÃO



MÍSTICO – Alex Grey e o detalhe da obra *Gaia*, que julga ser premonitória

RELIGIÃO

Grey, que se define como pintor e místico, vê a arte como sua prática espiritual. E acredita que todos os seres humanos nascem com essa força criativa e divina, mas nem todos a manifestam. "Minha vida espiritual é o resultado de uma 'experiência religiosa primária', ou seja, o contato particular com o divino. A interconectividade entre todos os seres e coisas e a energia do amor – o secreto nome de Deus –, são as forças que eu encontrei por meio da meditação profunda e períodos de percepção aguda", diz.

O artista, que já expôs na Bienal de São Paulo em 1985, produziu uma série, chamada Os Espelhos Sagrados, que consiste em 21 telas que retratam a anatomia "da mente, da alma e do corpo humano". Em seu site (www.alexgrey.com), ele pede doações de até US$ 300 para tornar possível a construção de um templo que abrigue permanentemente as obras. "Precisamos de suas preces e sua assistência financeira para nos ajudar a erguer a Capela dos Espelhos Sagrados, um monumento do século 21 para as maiores aspirações de nossa espécie. Juntos podemos construir uma nova visão, que acorde os humanos através da arte." Amém. ●

Serviço

● **Tribe. Pirapora do Bom Jesus (Rod. Castelo Branco, saída 48 para Pirapora do Bom Jesus). R$ 75 a R$ 100. Informações: www.tribe.art.br**

Agenda 2008:

O que vem por aí na série *Fronteiras do Pensamento*

Elder Ogliari
PORTO ALEGRE

O sucesso do Curso de Altos Estudos *Fronteiras do Pensamento*, que teve 26 conferências com auditório lotado, de março a dezembro deste ano, levou a Copesul (Companhia Petroquímica do Sul), patrocinadora do evento, e a Braskem, sua controladora, a investir em nova programação em 2008. Além de Porto Alegre, haverá palestras em Salvador, mas o formato e os convidados do fórum baiano ainda não estão definidos.

Antes da conferência sobre *A Literatura e a Invenção do Mundo*, de Michel Houellebecq, que encerrou a primeira edição, a Copesul anunciou os 14 convidados de 2008. O formato muda de palestras semanais para quinzenais para dar mais tempo aos participantes de se prepararem para os encontros com os autores. A primeira rodada já está marcada para 14 de abril, com a presença do ex-ministro da Cultura e Educação da França, Jack Lang.

Os participantes já confirmados são o escritor francês Alain Robbe-Grillet, a crítica literária argentina Beatriz Sarlo, o artista plástico búlgaro Christo e sua mulher Jeanne-Claude, o arquiteto polonês Daniel Libeskind, o músico escocês David Byrne, o filósofo francês Michel Onfray, o escritor cubano Pedro Juan Gutiérrez, o cientista político alemão Ralf Dahrendorf, o sociólogo americano Richard Sennett, o escritor e político nicaragüense Sergio Ramírez, o historiador britânico Simon Schama, o sociólogo paquistanês Tariq Modood e o músico americano Philip Glass. ●

Visuais Acervo:

MuBE exibe sua nova obra feita por Caciporé Torres

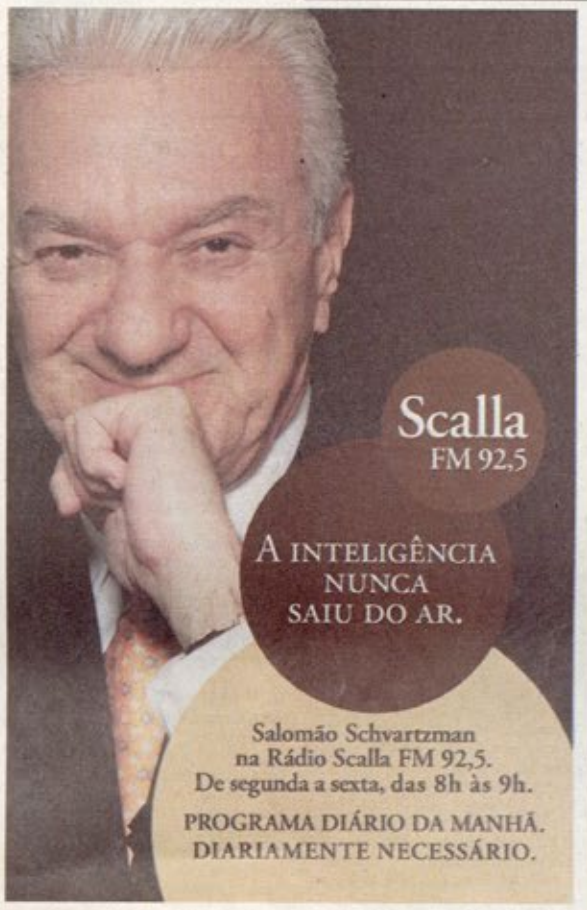
Artista criou uma grande escultura de ferro e a doou para a instituição

Em junho, Jacob Klintowitz foi anunciado curador do Museu Brasileiro da Escultura (MuBE), sob a nova presidência do empresário Jorge Landmann. Um dos projetos de Klintowitz era o de fazer um núcleo da escultura brasileira com obras que se tornariam parte do acervo da instituição. Dentro dessa proposta, foi instalada no dia 22 de novembro, no pátio aberto do museu (em área de 7 mil metros quadrados nos Jardins), uma nova escultura, *A Grande Torre*, feita por Caciporé Torres. O artista, que doou a obra ao MuBE, está orgulhoso de seu feito. "Dá para ver a escultura da rua mesmo, da Avenida Europa", diz.

"O MuBE estava em uma crise muito grande e o Klintowitz me fez o convite. Desenvolvi essa peça para dar uma força para o museu", conta Caciporé, que criou a *Grande Torre*, com quase 5 metros de altura, feita em ferro fosfatizado, especialmente para a ocasião e sem ajuda de terceiros, como enfatiza. Além de se orgulhar de ter ajudado a instituição, Caciporé se define como "um dos escultores que mais tem obras públicas" pelo País. "Tenho umas 80 obras em espaços abertos e em muitas instituições como o Masp, a Pinacoteca, o Centro Cultural São Paulo, Fundação Armando Álvares Penteado, Museu de Arte Moderna...", enumera ele. "Gosto muito de trabalhar peças em relação com o espaço arquitetônico", completa Caciporé Torres, que se diz um criador "autêntico", que participou de 9 Bienais de São Paulo e que ganhou 5 prêmios (entre eles, 2 como melhor escultor do ano, em 1980 e 1982, pela Associação Paulista de Críticos de Artes).

DIVULGAÇÃO

GRANDE TORRE – Espaço aberto

O artista, com longa trajetória (nasceu em Araçatuba, em 1935), afirma que não gosta de "intelectualizar a arte". "O que faço é exteriorizar a sensibilidade nas peças", diz. Segundo Caciporé, em um País em que não há uma tradição cultural, colocar uma escultura em um espaço aberto e público é uma atitude importante, "cria-se um acontecimento". Promove-se, também, a oportunidade de mais pessoas entrarem em contato com uma obra de arte.

Caciporé levou dois meses para realizar a *Grande Torre*. "A escolha do lugar para colocá-la foi feita em conjunto com a diretoria do MuBE", diz. "É um espaço muito bonito o do museu. Tenho uma relação interessante com essa instiuição, fui o primeiro expositor individual do MuBE, quando sua construção ainda estava sendo terminada", conta ainda. ●